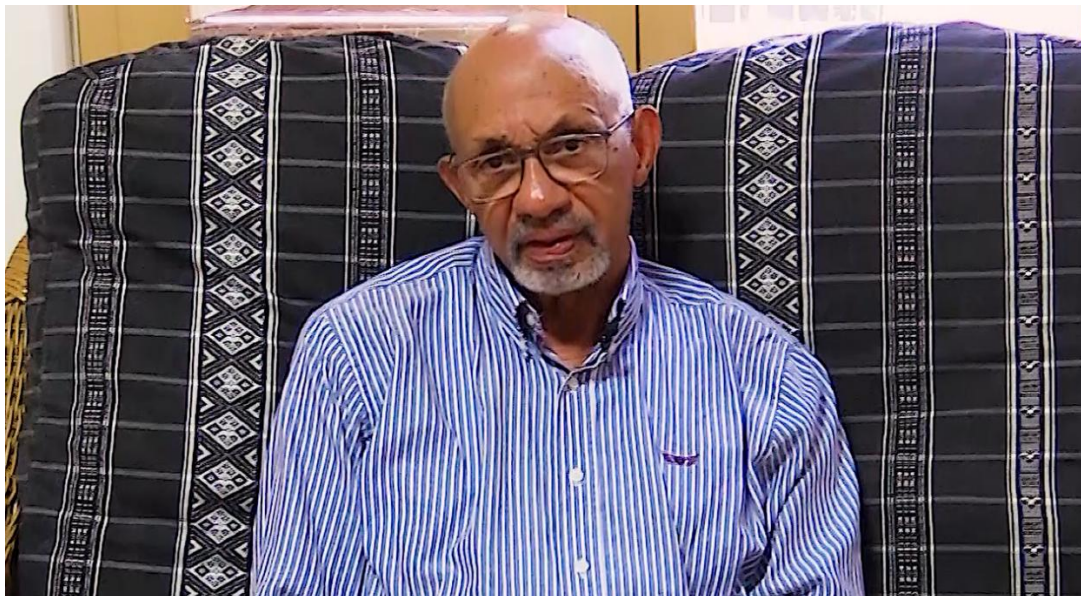


Érico Veríssimo



"As nossas músicas tinham conteúdos de luta"

Érico Veríssimo Ramos participou activamente na luta de libertação nacional, contribuindo dentro das possibilidades e capacidades da época. Actuou na clandestinidade tanto em Cabo Verde como em Portugal, integrado em grupos de consciencialização política ligados ao Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), ainda que sem filiação formal.

P: De que forma as acções clandestinas e os movimentos de consciencialização política contribuíram para fortalecer a luta de libertação nacional, tanto dentro do território como na diáspora, durante o período colonial?

O meu nome é Érico Veríssimo Ramos. Toda a minha participação, portanto, dentro do que era possível e das minhas capacidades na altura, foi na luta de libertação nacional deste país, tanto na clandestinidade, ali em Cabo Verde, como também em Portugal. Sempre integrado em grupos que, mesmo sem uma participação formal, tinham como objectivo a consciencialização das pessoas para o processo de libertação, sempre ligados ao Partido Africano da Independência da Guiné e Cabo Verde (PAIGC), sempre ligados ao PAIGC.

A história da minha participação na luta de libertação de Cabo Verde inclui até uma parte extremamente delicada para mim, cheia de vivências e lembranças. Quando assassinaram [Amílcar] Cabral, eu estava em Cuba, junto com E.Fernandes e Olívio Pires. Naquela altura, logo no dia seguinte ao assassinato, mandaram-nos sair de lá. Ainda hoje é uma incógnita para mim entender qual foi, de facto, a actuação do governo cubano naquele momento. Saímos imediatamente de Cuba no dia seguinte à morte de Amílcar Cabral. O Olívio Pires também. Eu até cheguei a perguntar-lhe se ele sabia de alguma coisa que estivesse a acontecer e que talvez desconhecêssemos.

Enfim, isso é só uma parte do que eu queria partilhar, porque tem a ver com a minha integração nesse processo de independência de Cabo Verde. Depois, após o regresso de Cuba, continuámos o nosso trabalho em Portugal, antes do 25 de Abril. Continuámos a consciencializar pessoas para a libertação e independência de Cabo Verde. Nesse processo de consciencialização, acabámos por criar um grupo já em Cabo Verde, um grupo de intervenção artística. Participavam nesse grupo o Manuel Faustino, o Renato Cardoso, eu, o Luís Tolentino e o Manuel Braga Tavares. Infelizmente, tanto o Luís Tolentino como o Manuel Braga já partiram. Mas a participação deles foi extremamente útil, tanto na sociedade da época como depois da independência.

Com a independência e com o novo governo que se formou, mantivemos, de certa maneira, o espírito da clandestinidade. Éramos vistos como os mais radicais, como pessoas que queriam ir mais longe do que as políticas em vigor permitiam na altura. Talvez fosse ingenuidade política, não sei, éramos jovens, a juventude falava mais alto e a juventude quer sempre ir mais longe.

O Grupo de Intervenção Activa (GIA) teve um papel extremamente importante, já quando estávamos em Cabo Verde, na mobilização das pessoas, especialmente através da produção de músicas de intervenção. Essas músicas tinham conteúdos de luta. Apelavam à adesão das pessoas à causa nacional, que era a descolonização, tanto do espírito como da economia. A descolonização era vista em diversas vertentes. Essa era a grande preocupação do GIA. Por isso, tudo o que se produziu, quer poema, quer canto, tinha como objectivo contribuir para a mobilização do povo, para que Cabo Verde se tornasse, de facto, um país independente em todos os sentidos.

Mas Cabo Verde, na altura, era um país que não tinha nada, era extremamente difícil fazer alguma coisa em todos os domínios: saúde, educação, infraestruturas. Não havia absolutamente nada. Cabo Verde, para ser franco, estava voltado ao ostracismo e existir como país era muito complicado.

Daí a razão da nossa adesão ao processo de independência no quadro do PAIGC. Claro que depois houve outras modificações, mas isso não é o foco desta conversa, que é mais voltada para a nossa intervenção artística nesse processo. O GIA pretendia acelerar o desenvolvimento do país, quer no aspecto político, quer no aspecto económico e no aspecto social. Os nossos poemas já retratavam essa preocupação, partilhada por todos os elementos do grupo.

Era o caso, como já referi, do Manuel Faustino, do Renato [Cardoso], do Manuel Braga Tavares, do Luís Tolentino e de outros também. Havia outras pessoas envolvidas, não apenas homens. As mulheres também participaram muito neste processo. Por exemplo, a Lena Pacholita, que ficou em Portugal, mas que ainda assim participava. Às vezes vinha cá a Cabo Verde. Fatu, a minha mulher, também esteve envolvida a mulher do Renato Cardoso, como se pode ver não era só a participação masculina. As meninas do Pré, todas elas estavam ligadas ao processo, as irmãs do Pré e muitas mais. Entraram todas nesse comboio da luta. Havia uma certa unanimidade de pensamento entre homens e mulheres, todos com pressa de ver o país a desenvolver-se em todos os domínios.

Claro que isso também gerou descontentamento em certos sectores do PAIGC. Daí surgiram rupturas, como toda a gente sabe. Aconteceram mesmo. Temos o caso concreto do Manuel Faustino, que foi para o Brasil, temos o caso do Renato Cardoso, que se envolveu naquela cena que até hoje está por esclarecer. Já naquela altura, nós já não estávamos na clandestinidade, mas sim a actuar abertamente. Mesmo assim, a mobilização era sempre acompanhada de uma festinha. E no meio da festinha, discutíamos assuntos sérios relacionados com o país. Falávamos sobre o que achávamos certo e errado na condução do país, já sob a direcção do Partido Africano da Independência de Cabo Verde, o PAICV. Era aquele vício da clandestinidade que trazíamos connosco. Tudo o que fazíamos era de forma quase secreta, mesmo sem necessidade disso. Mas era assim.

Entrevistador (a):
Edição: 2025

